

## PROFESSOR: MEDÍOCRE OU MEDIOCRIZADO

---

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Magistério e mediocridade**. São Paulo: Cortez, 1992.

---

"Eu sempre quis escrever um livro de crônicas. Não inventadas pela imaginação, mas concretamente vividas, ou, no mínimo ouvidas, no cotidiano de minha prática" (p. 11). Assim Ezequiel apresenta sua mais recente produção, que se soma a tantas outras do autor que tem favorecido aos mais diferentes profissionais envolvidos com a prática educativa e com a fruição da leitura a refletirem sobre os vários determinantes que condicionam uma ação mais voltada para a realidade concreta, vivida do educando/leitor.

A obra "**Magistério e Mediocridade**" aparece em um momento oportuno quando as instituições públicas brasileiras e seus profissionais passam por um processo de desvalorização face a toda ideologia neo-liberalista em voga no país.

Este livro é um convite a rebeldia do professor, como diz o autor "O professor tem que ser ousado para deixar de ser passivo. O professor tem que ser sagaz para deixar de ser tonto"(22).

Pode-se dizer a grosso modo, que Ezequiel escreveu um livro de bolso, não só pelo seu tamanho, mas pela facilidade como frui a leitura, que é simples, coloquial, mas ao mesmo tempo profunda, de cotejo, um chamado a transformação. "Não posso assegurar de antemão os múltiplos efeitos da leitura deste livro. Talvez muitos riam, movidos pela identidade. Talvez muitos chorem frente as desgraças. Não sei." (p. 13)

A obra divide-se em duas partes. A primeira são "As histórias vividas e recontadas" onde, através de crônicas, Ezequiel

reflete e leva o leitor a refletir (ou se identificar) sobre o sucateamento que vem processando há muitos anos no magistério brasileiro, onde o profissional ganha para sobreviver, por outro lado, a escola está acéfala às mudanças que ocorre no âmbito social, político, cultural, científico e tecnológico. Assim permanece uma educação livresca e, descontextualizada; com isto há várias escamoteações (mediocridades).

Isto resulta em uma escola que não se recicla, em um professor que não é reciclado, formando um círculo vicioso e viciado, onde conteúdos e métodos adotados são um "replay" dos nossos avós e pais. Quando a escola diz-se "modernizar" é uma modernização capenga, frouxa, abstrata e aparente.

"A ideologia vai como que carcomendo feito um caruncho a mentalidade do professor. Desaviso? Descuido? De repente, o colega está acreditando na mentira que o sistema passa como verdade. Vê apenas através da lente do preconceito e da alienação. Em terra de cego, mais um cego dirigido pela bengala do opressor" (p. 22).

Na segunda parte da obra (de estudos complementares), que contém três artigos, o autor reflete sobre as questões da desvalorização do magistério no país, a exemplo do salário, burocracia, currículo dentre outros e ainda sobre a leitura enquanto prática social, que não pode ser compreendida isolada dos fatores econômicos, culturais e políticos, etc.

No artigo "A degradação do magistério brasileiro", Ezequiel faz uma retrospectiva histórica da educação: escolanovismos, a 5692/71 e ainda sobre a problemática em torno da aprovação de uma nova LDB. Sobre a década de 60, com as pedagogias do conflito centradas nas teorias/práticas de Paulo Freire, Ezequiel diz que foi este educador brasileiro que "... elaborou as bases políticas, filosóficas e metodológicas da pedagogia do diálogo, conscientizadora e libertadora, que seria capaz de atender as reais necessidades educacionais do povo brasileiro" (p. 51). Mas toda prática educativa (enquanto ato político) transformadora desta época foi suplantada pela ditadura militar.

Essa volta ao passado serviu de parâmetro para o autor refletir sobre a atual conjuntura educacional brasileira, que se caracteriza por ciclo de sissifismo (eterno recomeço). "Os retrocessos (...) são bem maiores que os avanços na virada do

século a rede pública de ensino encontra-se em fragalhos e instaura-se no Brasil, a "república da ignorância" (p.54).

Em outra incursão desta segunda parte da obra, o autor enumera os fatores que cerceam o trabalho do professor: baixa remuneração, baixa qualificação, duplas tarefas, principalmente com referência às mulheres, a burocracia escolar que dificulta uma ação livre do professor, dentre muitos outros.

Estes fatores, conforme afirma o autor, resultam em frustrações, desesperança, desestímulo que impedem os professores a não "... enxergarem os determinantes reais do seu trabalho despejam as suas frustrações no outro pólo da relação pedagógica, ou seja no aluno. Este se transforma em bode expiatório de todos os males, apresentando-se como fraco, desnutrido, inculto, bárbaro etc." (p. 63).

A educação, como as demais possibilidades de formação do indivíduo em uma sociedade capitalista dependente como a brasileira, obedece as normas e modelos impostos por diferentes ideologias de manipulação. "Seja instituindo o conformismo ao modo dominante de produção de valores a ele subjacentes, seja mascarando as contradições existentes na sociedade de classes, seja atribuindo ao professor o papel de guardião do sistema, a ideologia capitalista pré-fixa e controla o destino de todos aqueles que, por mais ou mesmo tempo, participam de instituição escolar" (p. 85).

Na última parte do trabalho são levantadas algumas questões que têm impedido a democratização da leitura no País. Os problemas são resultantes de inúmeras situações. Pensar a leitura dissociada de outros fatores (econômico, cultural, político) é tomá-la como simples abstração do real, onde leitor é objeto, ser alienado, manobrado pelo poder dominante, como diz o autor.

Acredito que esta obra contribui substancialmente para despertar o senso crítico dos educadores brasileiros, na medida em que pode levá-los a refletir sobre o seu papel na sociedade, ao mesmo tempo em que o faz despertar do marasmo, da desilusão a que estão acometidos.

**César Augusto Castro**

**Mestrando em Biblioteconomia da PUCCAMP.  
Professor da Universidade Federal do Maranhão**